



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

Street fight, vingança e guerra: artistas e projetos ético-políticos indígenas nos interstícios da hegemonia da arte contemporânea

Autoria: Clarissa Diniz de Moura (EAV)

As subalternizações coloniais foram também epistemológicas? práticas de epistemicídio e de violência epistêmica cuja operação central impossibilita a auto-representação, produzindo silêncios. Nesse contexto, a recente inserção de artistas indígenas no campo hegemônico da arte (bienais, museus) no Brasil tem sido interpretado sob a ótica do ?ineditismo?, como se apenas agora esses artistas estivessem encontrando possibilidades de agência. Contudo, o macuxi Jaider Esbell nos adverte de que ?o indígena aparece em representações de artistas europeus numa cena de primeira missa. É posto para cantar na catequese, é posto a ilustrar documentos. Sobre esses artistas pouco é falado? (ESBELL, 2019). Evocando a constante presença indígena no seio da hegemonia branca da arte, Esbell nos defronta com a persistente desconsideração da agência indígena, confrontados com invisibilizações sistemáticas produzidas por uma



analítica incapaz de perceber projetos éticos de vida onde se julga haver apenas subalternização. Exemplo central dessa insistente violência epistêmica se dá na relação entre Makunaima, a entidade indígena, e Macunaíma, o personagem da rapsódia homônima (1928): ?Mário de Andrade fez o sequestro relâmpago bem-sucedido do Makunaima. (...) Ele parece ter feito uma coisa imbatível e por isso é interessante querer retornar, fazer um street fight com Mário de Andrade. (...) É preciso denunciar a arte moderna? (KRENAK, 2017). Com a intenção romper ciclos de violência epistêmica, além da denúncia, urge desmontar o complexo de subalternização que se atualiza na discursividade cega às agências e projetos éticos que se fazem em meio à subalternização. É o que evidencia Jaider Esbell ao revelar que a entidade ?deixou-se ir?: ?Eu grudei na capa daquele livro [de Mário de Andrade]. Dizem que fui raptado, que fui lesado, roubado, injustiçado, que fui traído, enganado. Não! Fui eu mesmo que quis ir na capa daquele livro. Fui eu que quis ir fazer a nossa história. Vi ali todas as chances para a nossa eternidade?, confessa Makunaima através de seu neto, Esbell (ESBELL, 2018). Desde 2018, Esbell tem produzido uma inflexão ética crucial para a descolonização de práticas antropológicas e artísticas. Ao lado de Denilson Baniwa ? que tem performado vinganças às violências da arte ?, Jaider tem produzido um giro epistêmico que esvazia o messianismo ocidental em sua relação otimisticamente etnocida (CLASTRES) de ?inclusão? da arte indígena ao questionar seu exclusivo protagonismo. Portanto, a partir das estratégias performativas e discursivas desses artistas, o artigo analisa a inscrição da arte contemporânea indígena no contexto da arte brasileira a partir das noções de violência epistêmica, guerra e vingança, sublinhando seus projetos ético-políticos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: